

RODOFERROVIÁRIA

REFORMA DA ESTAÇÃO INICIA-
DA HÁ MAIS DE UM ANO AINDA
NÃO SAIU DOS TAPUMES

3

TRÂNSITO

MOTOQUEIRO MORRE ARRAS-
TADO POR ÔNIBUS NA AVENIDA
SAMDU EM TAGUATINGA

4

CIDADES

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, quinta-feira, 10 de julho de 1997 DF-
Cidade

Sacoleiros da Feira do Paraguai são novos moradores da Estrutural, que cresce em ritmo de cem barracos por dia

ILEGALIDADE EM DOSE DUPLA

Cristina Ávila
Da equipe do Correio

Os sacoleiros da Feira do Paraguai estão entre as 700 a 800 famílias que nos últimos dez dias armaram barracos na área desocupada em fevereiro do ano passado pelo Governo do Distrito Federal. A Associação dos Moradores da Estrutural diz que não tem nada a ver com essa fase da invasão, acusa o poder público de permitir a chegada de novas pessoas e avisa que vai dar uma semana para o governo agir.

Na semana passada, a líder dos moradores da Estrutural, Marlene Mendes, foi vista durante dois dias na Feira do Paraguai, ao lado do estádio Mané Garrincha. Ela convidava os sacoleiros a ocupar lotes no local. Segundo os moradores, 100 novos barracos estão sendo construídos todos os dias. Eles acreditam que até o início da próxima semana cheguem a 2 mil.

A presença dos feirantes na invasão pode complicar ainda mais o problema a ser resolvido pelo governo. Os sacoleiros têm mais jogo de cintura para enfrentar a situação do que os invasores comuns que não têm a mesma habilidade para negociar sua condição irregular com o governo.

CADASTRO

O Correio tentou conversar com Marlene durante dois dias. Não conseguiu. Mas, ontem, ela autorizou a funcionária da associação Adriana Lima de Almeida a falar em seu nome. "O GDF não fiscaliza. Não coloca ninguém para impedir a invasão. A associação mandou uma carta avisando o Idhab (Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal) que havia novos barracos sendo construídos. Quando avisamos, eram só uns dez ou 20 ainda."

Por meio da funcionária, Marlene Mendes provoca o governo. "Vamos esperar uma semana, no máximo. Depois, vamos começar a cadastrar todo mundo. Aquelas pessoas estão desesperadas para fazer a carteirinha da associação. Aí, eles passam a ser moradores nossos, com nossa segurança. Não deixaremos mais que os barracos sejam derrubados. Enquanto isso não acontecer, não temos nada com isso", disse.

Laércio de Oliveira Teixeira foi um dos primeiros moradores da Estrutural. Da invasão antiga foi transferido pelo governo para uma área mais afastada, chamada de assentamento. Lavador de carros, faz bicos na nova área invadida. "A gente arruma o feijão aqui. Estou há 13 dias tomando conta de um lote para uma senhora. Ela é da Feira do Paraguai, viajou. Tem aparecido muita gente do Paraguai", afirma.

HOSTILIDADE

Enquanto o problema cresce, o governo pensa numa solução. O diretor de Operações do Idhab, Demosthenes Marques, afirma que "o governo está se adequando para trabalhar com o clima de hostilidade criado na semana passada". Ele refere-se ao confronto entre moradores da Estrutural com fiscais do governo na semana passada. Estes foram expulsos pelos invasores.

Caio Donato, diretor da Associação da Feira de Brasília — formada por sacoleiros dispostos a resistir ao lado do Mané Garrincha —, afirma que não sabe nada sobre a invasão. Mesmo assim, defende os feirantes: "Se foram para a Estrutural, é porque precisam. Eu faria a mesma coisa."

Glaucio Dettmar



Invasores retiram tábuas de madeira para construção de barracos na Estrutural, que agora também abriga feirantes do Paraguai. Nova área da invasão deverá ter duas mil construções até segunda-feira

Novos lotes custam R\$ 50

"Vai um lotezinho, ai?" Assim José Pereira Batista oferece o terreno na área nova que está sendo invadida na Cidade Estrutural. O possível comprador tem duas opções: "Esse virado para o Setor de Indústrias ou aquele, de frente para a área verde." A área ecológica a que se refere é o Parque Nacional de Brasília.

Depois, José Pereira percebe o que diz e se corrige. Alega que não está vendendo terreno, mas o seu suor. Essa prática é comum entre os moradores da parte antiga da Estrutural. Os desempregados encontram na invasão nova uma opção para ganhar uns trocados.

José Pereira limpou e cercou dois lotes. Investiu R\$ 30 na compra de arame farrapado e nos paus para a cerca e está negociando o investimento por R\$ 50. Laércio Oliveira, um dos primeiros a chegar na invasão, cobra mais caro pela mão-de-obra. "São R\$ 70, com cerca e terreno limpinho", informa.

Mas há regras na invasão. Os terrenos obedecem à mesma metragem, 12 x 8 metros. O mecânico José Dias diz que há vários "medidores" na área. Ele é um deles. Dias confessa que a orientação para as medições parte de Marlene Mendes.

A lei também prevê que o ocupa-

pante do lote não pode vacilar. Se alguém encontrar um barraco vazio, pode entrar. Para garantir a posse, é preciso ficar na invasão. Como Laura Soares, moradora do assentamento da Estrutural, que passa os dias inteiros na nova invasão, cuidando de um barraco feito de lona para a sua irmã. "Ela quer fugir do aluguel em Taguatinga", justifica.

Segundo a Associação de Moradores da Estrutural, cerca de 20 mil pessoas moram no assentamento provisório para onde foram transferidos pelo governo os primeiros invasores. São quase 4 mil barracos. Mas, conforme o último cadastramento feito pelo Idhab, em setembro do ano passado, a área delimitada compreende 3.300 barracos.

A funcionária da associação Adriana de Almeida afirma que 70% dos moradores têm energia elétrica. São gambiarras puxadas de "três ou quatro motores" que abastecem as casas. Ela afirma que algumas máquinas fornecem energia até para 600 moradias. Os consumidores pagam no mínimo R\$ 20 mensais para ter apenas lâmpadas, entre as 12h e a meia noite. Quando os motores funcionam.

■ Leia mais sobre Feira do Paraguai na página 2